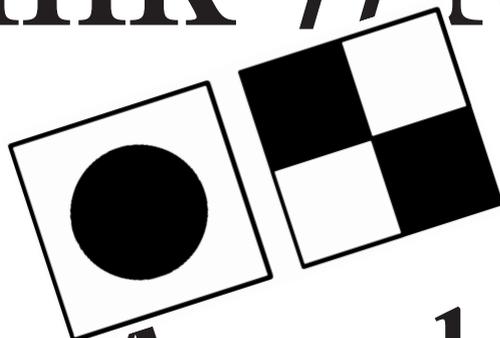


#Slow #Stop...
#Think #Move

curadoria



curated by

Ana Anacleto

Território / Territory #2

3	5	11	12	13	14	15	17
Tempo <i>Time</i>	#Slow #Stop... #Think #Move (PT)	NO CENTRO <i>AT THE CENTER</i>	SALA <i>ROOM</i> A	SALA <i>ROOM</i> B	SALA <i>ROOM</i> C	SALA <i>ROOM</i> D + CAVE <i>BASEMENT</i>	#Slow #Stop... #Think #Move (ENG)

FIDELIDADE
DIREÇÃO DE RELAÇÕES
INSTITUCIONAIS
E RESPONSABILIDADE SOCIAL
*DIRECTORATE OF INSTITUTIONAL
RELATIONS AND SOCIAL
RESPONSIBILITY*
Teresa Ramalho
Felisbela Paulino

TERRITÓRIO #2
PROGRAMAÇÃO
*TERRITORY #2
PROGRAM*
Bruno Marchand

CURADORIA
CURATED BY
Ana Anacleto

COORDENAÇÃO E PRODUÇÃO
COORDINATION AND PRODUCTION
Sílvia Gomes
Susana Sameiro

MONTAGEM
ASSEMBLY
Miguel Marques
Renato Ferrão
Rui Azevedo

DESIGN GRÁFICO
GRAPHIC DESIGN
Sofia Gonçalves

AGRADECIMENTOS
ACKNOWLEDGEMENTS

Ana Anacleto gostaria de agradecer a Bruno Marchand e à equipa da Culturgest (Susana Sameiro, Sílvia Gomes), a todos os artistas na exposição, a Sofia Gonçalves, à equipa de montagem (Renato Ferrão, Miguel Marques, Rui Azevedo), aos colecionadores e emprestadores institucionais e particulares, às galerias envolvidas, aos amigos ... e muito particularmente aos seus avós e pais (procrastinadores, revolucionários e resistentes) e a Vasco Barata pelos anos de partilha ideológica, conversas, discussões e trocas de impressões acerca do tempo e das suas incomensuráveis implicações no universo das vidas construídas, vividas e partilhadas.

Ana Anacleto would like to thank Bruno Marchand and the team at Culturgest (Susana Sameiro, Sílvia Gomes), as well as all the artists in the exhibition, Sofia Gonçalves, the set up team (Renato Ferrão, Miguel Marques, Rui Azevedo), the collectors and lenders to the show, both institutional and private, the galleries involved, friends... and, in particular, her grandparents and parents (procrastinators, revolutionaries and resistance fighters) and Vasco Barata for the years of ideological sharing, conversations, discussions and exchanging impressions on time and its incommensurable implications in the realm of lives that are built, lived and shared.

	TIME	
OPEN	TIME	
ENCLOSED	TIME	
OUTER	TIME	
	TIME	SUITE
	TIME	(LESS)
LIVING	TIME	
PROJECTIVE	TIME	
	TIME	CAPSULE
UBIQUITOUS	TIME	
	TIME	FRAME
	TIME	COUNTER
	TIME	-LAPSE
	TIME	CHAIN
	TIME	INTERVAL
MEASURABLE	TIME	
UNSTOPPABLE	TIME	
	TIME	STATION
BLANK	TIME	
NO	TIME	
	TIME	OUT
	TIME	TABLE
	TIME	INVADERS
	TIME	CONTINUUM
IRREVERSIBLE	TIME	
LOST IN	TIME	
COUNTING	TIME	
HISTORICAL	TIME	
CHRONOLOGICAL	TIME	
	TIME	CURVE
PERFORMATIVE	TIME	
HEGEMONIC	TIME	
	TIME	LOST
CATCHING	TIME	
UNDIMENSIONAL	TIME	
MATERIAL	TIME	
	TIME	RACE
NULL	TIME	
LEAVE	TIME	
INSTANT	TIME	
OVER	TIME	
AVAILABLE	TIME	
	TIME	UNIT
POSITION IN	TIME	
EDGES OF	TIME	
	TIME	WRITER
	TIME	CONSUMING
LACK OF	TIME	
	TIME	SAVING
CHANGING	TIME	
	TIME	FILLER
WASTED	TIME	

*

lista de 52 expressões decorrentes do conceito de “Tempo” criada por Ana Anacleto em Janeiro de 2023, a partir de lista de 52 expressões decorrentes do conceito de “Espaço” criada por Georges Perec em 1974 e incluída em *Species of Spaces* [Espèces d’espaces], Penguin Classics – Penguin Books, London, 2008.

list of 52 expressions stemming from the concept of “Time” created by Ana Anacleto in January 2023, from the list of 52 expressions stemming from the concept of “Space” created by Georges Perec in 1974 and included in Species of Spaces [Espèces d’espaces], Penguin Classics – Penguin Books, London, 2008.

No contexto da sociedade contemporânea que define a nossa vivência diária, habituámo-nos a verificar – e necessariamente a conviver – com uma ideia de aceleração de ritmo proporcionada pela urgência da produtividade. Somos impelidos a acelerar, para poupar tempo, perante a promessa da conquista de mais tempo. Na realidade, a percepção desta aceleração não é tanto uma determinação apriorística mas antes uma consequência da desvalorização desse mesmo tempo. Momentos instantâneos (cada vez mais curtos) sucedem-se ininterruptamente, devorando-se, devorando e devorando-nos, sem que a eles consigamos associar relevância ou pertinência e, cada vez menos, a possibilidade de constituição de memória.

Particularizando agora, e concentrando o foco, na actividade profissional da Curadoria, parece-nos vital repensar o enquadramento acelerado em que passámos a desenvolver o nosso trabalho quotidiano – sobretudo numa era pós-digital, saturada de informação – e o quanto experimentamos, por inerência de funções (que se multiplicam, desdobram e renovam constantemente), um esmagamento, um

5 assoberbamento generalizado que, ao invés de nos aproximar da possibilidade de produção de conhecimento através de experiências estéticas significativas e ricas, nos afasta constantemente ao limite do fracasso. Altos níveis de produtividade, exigência, atenção, informação saturada, muito dispersa e um consumo cada vez mais deficiente e distraído, marcam os nossos dias, e não são afinal mais do que um decalque do entendimento da actividade laboral instituída pelos modelos neoliberais.

É interessante e oportuno, parece-nos, repensar estes modelos e fazer aproximar a prática curatorial de uma actividade mais ligada ao mundo e à vida, procurando formas mais significativas de operar na relação com os objectos, com os seus processos de concepção e produção, com os artistas e explorando possibilidades de relação que possam devolver à experiência estética a dimensão contemplativa que necessariamente lhe é intrínseca. Procurar recuperar o sentido original do termo, aproximando a Curadoria da sua responsabilidade cuidadora, cuidadosa, atenta, permitindo-lhe acontecer ao seu ritmo, contrariando uma ideia sistemática de avanço precipitado, de compulsão para a produção (apenas pelo garantir da produção), abrindo caminhos

de intervenção e de pesquisa, visando outras possibilidades de ser neste espaço e neste tempo.

A exposição *#Slow #Stop... #Think #Move* propõe-se como um ensaio, em torno da possibilidade de contrariar o tempo hegemónico. Dando continuidade a uma investigação (já esboçada em projectos curatoriais anteriores) em torno da possibilidade de edificação de uma prática curatorial desacelerada, lenta, que contrarie a urgência tendencial, através do recurso a um conjunto de estratégias processuais definidas – como a curiosidade, a observação, a investigação, a atenção dirigida, mas também a procrastinação assumida, a recusa e a negação – e procurando valorizar e respeitar (dilatadamente) os vários tempos que compõem o *continuum* de tempo implicado na preparação de uma exposição, entendemos este ensaio como um exercício especulativo em desenvolvimento, que se pretende duracional.

Ao longo dos vários intervalos de tempo que compõem o referido tempo *continuum*, permitimo-nos travar e parar... entendendo o parar numa dimensão particular que implica o não avanço e o não recuo, resgatando apenas aquilo que pode estar entre ambos, para que a partir dessa paragem (entre) possa acontecer o pensar. Foi este parar (entre) que nos permitiu reflectir sobre a possibilidade de dilatação do tempo da própria experiência expositiva, sobre a possibilidade de testar elementos que, de forma clara, possam ajudar a produzir, no espectador, uma experiência dilatada e atenta.

A primeira condição para o estabelecimento dessa experiência dilatada prende-se com a assumpção da condição física e temporalmente divisível desta experiência. Concebendo a exposição em duas partes interdependentes e sucessivas, a decorrerem em intervalos de tempo distintos (entre Fevereiro e Maio a primeira, e entre Junho e Setembro a segunda) e em espaços físicos e localizações geográficas também distintas (a primeira na Fidelidade Arte, em Lisboa e a segunda na Culturgest, no Porto), permitimo-nos convocar duplamente a presença do espectador apelando à possibilidade de uma experiência que, para além de se alongar no tempo, decorre necessariamente de condições perceptivas e cognitivas cumulativas.

Desaceleramos primeiro para parar a seguir, para depois pensar e finalmente agir. Há nestes gestos (e o título da exposição aponta

justamente para tal) um sentido sequencial claro. Um passo a seguir ao outro, uma acção a suceder a outra. Mas também sabemos que a possibilidade de poderem acontecer num processo que é simultâneo (ou que aparenta sê-lo) é absolutamente real. Nenhuma destas acções toma lugar sem que, para tal, haja a produção de pensamento associada a movimento (a inércia é também ela uma das muitas dimensões do movimento) ... a acontecer num determinado intervalo de tempo.

Para a primeira parte da exposição (em Lisboa) procurou-se uma aproximação às ideias revolucionárias de desaceleração, de abrandamento ou mesmo de paragem (invocada ou forçada), permitindo a constituição de salas-ambiente e proporcionando uma possibilidade de relação lenta e desacelerada, recuperando assumidamente uma ideia de contemplação. As paredes das quatro salas que constituem o espaço da Fidelidade Arte foram propositadamente pintadas de um tom cinza escuro e a iluminação mantida num grau de intensidade propositadamente baixo, solicitando ao espectador (logo num primeiro momento) um tempo necessário para que pudesse processar-se uma natural adaptação da sua acuidade visual. Aí eram apresentadas obras de Ana Jotta, Ana Santos, António Dacosta, António Júlio Duarte, Armanda Duarte, Fernando Calhau, Francisco Tropa, Isabel Carvalho, Isabel Cordovil, Jonathan Monk, Julião Sarmento, Luís Paulo Costa, Mariana Caló e Francisco Queimadela, Mattia Denisse, Michael Biberstein, Paulo Brighenti, Sol Lewitt, Tiago Baptista e Vasco Barata.

Na segunda parte, que agora se apresenta na Culturgest do Porto, procurámos dar continuidade à reflexão já iniciada, voltando a assumir como matriz uma dimensão temporal desacelerada (ou parcialmente em desaceleração). No entanto, procurámos debruçar-nos agora sobre as ideias de pensamento, de movimento e de acção, num contexto de promoção da ausência, da deriva, do deslocamento, da inquietação, de uma certa agitação e do retorno a determinadas práticas que implicam uma atenção também ela demorada, dirigida e presente.

A simetria do espaço da Culturgest – ao contrário do espaço em Lisboa que mantinha uma organização tradicional *enfilade* (com uma sequência de salas que se vão sucedendo) – proporcionou-nos a possibilidade de construção de uma exposição dialogante em vários sentidos e dimensões. Funcionando quase como um mapa de pontos

de acupunctura – para recuperar uma ideia oriunda da ancestral prática médica asiática de cura através de um método holístico lento que entende o funcionamento do corpo como um sistema com os seus milhões de nervos e artérias – o espaço aberto e amplamente simétrico do piso O permitiu-nos a edificação de relações simultaneamente de detalhe e maior proximidade (concêntricas) mas também de relações menos evidentes e que se revelam por camadas (excêntricas).

A abordagem não foi, neste caso, absolutamente sistemática, nem cristalina ou exaustiva. Quisemo-la dinâmica, permitindo-nos a adopção de sucessivas alterações consoante os diálogos entre as várias obras e as suas necessidades se nos iam manifestando, e optámos pela imposição de um processo lento de observação e decisão, baseado em aspectos como a confiança, a intuição e a aceitação de que podemos estar enganados e que podemos e devemos permitir-nos cometer erros. Procurámos, mais do que a produção de uma narrativa absoluta, a possibilidade de edificação de um eco-sistema equilibrado de sentidos, recuperando aspectos decorrentes da relação entre a arte e a vida e promovendo o encontro entre manifestações do pensamento visual amplamente abertas à experimentação.

8

Um espaço de aprendizagem onde nos é permitido desacelerar, parar, pensar e mover.

Ao entrarmos, deparamo-nos de imediato com uma das obras de Alisa Heil. Um conjunto de oito estandartes que se distribuem pelo perímetro de arcadas que define a *rotonda* central do espaço e que combinam uma dimensão poética, afectiva com uma dimensão eminentemente política. O trabalho, produzido através da técnica do *patchwork*, combina retalhos de tecidos de várias origens (também eles portadores de particularidades e referências identitárias) para formar padrões geométricos carregados de simbolismo. Cada uma destas obras presta homenagem a uma figura feminina histórica, recuperando consigo a própria história do seu apagamento.

Na zona central do espaço encontramos uma instalação de Madalena Lopes e Léo Raphaël, especialmente concebida para a exposição. Do interior de um conjunto de esculturas cerâmicas mais ou menos informes – mãos líquidas – ouvimos surgir uma voz que nos cita um poema discorrendo acerca da fluidez das matérias

e da permeabilidade entre o funcionamento da Inteligência Artificial e determinados estados da consciência humana.

Iniciando depois o percurso pela sala A, encontramos um conjunto de obras (Marco Franco, Jorge Pinheiro, Armanda Duarte, Horácio Frutuoso e André Sousa) que, embora silenciosas, ou em certa medida ambíguas, parecem apontar-nos uma ideia de sistema, de marcação de tempo, de ritmo – nuns casos com maior rigidez, noutros com maior desprendimento – que orienta a deambulação do olhar e, necessariamente também, o movimento do corpo.

Não nos foi possível ignorar a identidade deste lugar: um espaço de representação de poder. Antiga sede de um banco, configura-se como a representação do poder financeiro – particularmente significativa no âmbito desta reflexão –, albergando e dando lugar à edificação da grande narrativa responsável pelos processos de aceleração a que dedicamos a nossa atenção e que, justamente, procuramos travar. O desenvolvimento de uma reflexão acerca do legado simbólico deste lugar (esse pensar a que alude o título da exposição) teria necessariamente de convocar,

9 na sala B, a presença de um conjunto de obras que desenvolvem estratégias assumidamente críticas ou que delas afirmativamente se aproximam (Bruno Borges, Sara & André, Carlos Gentil-Homem e Ernesto de Sousa, Pedro Barateiro, Vasco Barata, Diogo Evangelista e Hugo Canoilas). Transitamos desse contexto mais afirmativo no revelar das suas intenções, para um contexto (sala C) onde a manifestação de estados de desconforto e inquietação surge agora sob a forma da metáfora, da interrogação ou do enigma, sem recusar o humor enquanto ferramenta crítica (Eduardo Batarda, José Loureiro, Joanna Piotrowska, Christian Andersson, Dayana Lucas, Francisco Queirós e Jorge Queiroz). Na sala D dispõe-se um conjunto de obras (Tiago Baptista, Andreia Santana, Pierre Huyghe, Daniel Gustav Cramer e Luísa Mota) que procuram restabelecer uma relação com a vida, com o quotidiano, com os rituais, com o tempo lento e com esse lugar de encontro com os seres e com as outras formas de vida, abraçando a experimentação e entendendo a existência como uma plataforma aberta de relação não-extractivista.

Depois de percorrido todo o piso 0, descemos ao piso inferior e, no interior do cofre – agora sala escura – encontramos um filme

da dupla Von Calhau!, marcado por uma multi-dimensionalidade espacial e temporal (tão própria aos recursos cinematográficos e tão cara ao universo dos próprios artistas). Personagens ficcionais envoltos num enredo onírico ou uma espécie de ritual de passagem – ou de salvação – onde o tempo é amplamente dilatado e o território perfurado, penetrado. Criaturas fantasmáticas que partilham uma condição humana e animal e actuam numa dimensão paralela, comprimida, transitando entre o passado e o futuro, numa combinação de ruralidade, mitologia, bio-diversidade, cultura e espiritualidade.

Desacelerar, parar, pensar e mover.

Instituir, na prática, um sistema de cuidado, um sistema de atenção.

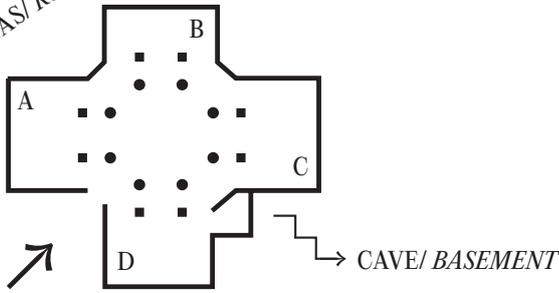
O trabalho do cuidado e da atenção foi sempre considerado como não produtivo desvalorizando o ‘poder do labor’ que sabemos que nele é produzido, e que, no fundo, é responsável por produzir todo o resto. Porque não observar, atentamente, a capacidade produtiva de todos os seres?

Na sociedade burguesa, o corpo perdeu a sua relevância política e transformou-se numa mera ferramenta usada para actividades sociais ou de trabalho. Como resultado, os corpos separaram-se uns dos outros e organizaram-se em função do seu estatuto simbólico. A experiência da intimidade passava a ser possível apenas através do sexo ou da guerra – situações de excepção à ordem simbólica. Em sentido inverso, num sistema de cuidado e atenção, todos os corpos são íntimos e políticos ao mesmo tempo. Aqui o íntimo e o político, o corpo físico e o corpo simbólico tornam-se idênticos.

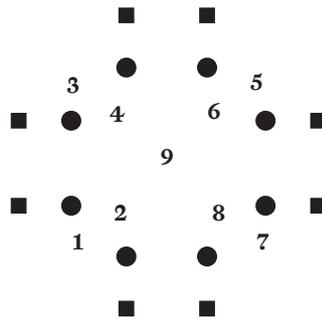
Falamos desse trabalho do cuidado e da atenção que respeita o ritmo, o seu e o dos restantes seres implicados, valorizando o tempo e os seus desdobramentos, numa ética da atenção: ser lento pode significar ser melhor.

Recordar os caracóis ou as tartarugas, os cogumelos ou os bolores, perceber-lhes o funcionamento e a estrutura de relações que desenvolvem nos seus contextos existenciais. Recuperar práticas de cuidado, de observação atenta, de aproximação aos outros, contemplar a vida e produzir alegria ... porque afinal “a alegria é a coisa mais séria da vida”.

SALAS/ ROOMS



NO CENTRO
AT THE CENTER



1 ALISA HEIL

Unica (Zürn), 2022

Tecido, tubo de metal/ *Fabrics, metal tubes*
Cortesia da artista e/ *Courtesy of the artist*
and Galeria Nuno Centeno, Porto

2 ALISA HEIL

Dora (Diamant), 2020

Tecido, tubo de metal/ *Fabrics, metal tubes*
Cortesia da artista e/ *Courtesy of the artist*
and Galeria Nuno Centeno, Porto

3 ALISA HEIL

Sappho, 2020

Tecido, tubo de metal/ *Fabrics, metal tubes*
Cortesia da artista e/ *Courtesy of the artist*
and Galeria Nuno Centeno, Porto

4 ALISA HEIL

Kali, 2021

Tecido, tubo de metal/ *Fabrics, metal tubes*
Cortesia da artista e/ *Courtesy of the artist*
and Galeria Nuno Centeno, Porto

5 ALISA HEIL

Hildegard (of Bingen), 2021

Tecido, tubo de metal/ *Fabrics, metal tubes*
Cortesia da artista e/ *Courtesy of the artist*
and Galeria Nuno Centeno, Porto

6 ALISA HEIL

Silvia (Federici), 2021

Tecido, tubo de metal/ *Fabrics, metal tubes*
Cortesia da artista e/ *Courtesy of the artist*
and Galeria Nuno Centeno, Porto

7 ALISA HEIL

Joan (Vollmer), 2023

Tecido, tubo de metal/ *Fabrics, metal tubes*
Cortesia da artista e/ *Courtesy of the artist*
and Galeria Nuno Centeno, Porto

8 ALISA HEIL

Anna Maria (van Schurman), 2020

Tecido, tubo de metal/ *Fabrics, metal tubes*
Cortesia da artista e/ *Courtesy of the artist*
and Galeria Nuno Centeno, Porto

9 MADALENA LOPES

E LÉO RAPHAËL

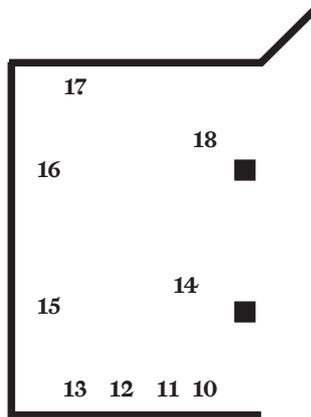
Liquid Hands, 2023

Instalação (5 peças em grés vidrado
e sistema de som)

*Installation (5 glazed stoneware pieces
and sound system)*

Cortesia dos artistas/ *Courtesy of the artists*

SALA/ ROOM A



10 MARCO FRANCO
Sem título (da série *Liga Mole*), 2022
Alumínio
Aluminum
Cortesia do artista e/ *Courtesy of the artist and* Galeria Bruno Múrias, Lisboa

11 MARCO FRANCO
Sem título (da série *Liga Mole*), 2022
Alumínio
Aluminum
Coleção privada, Lisboa
Private collection, Lisbon

12 MARCO FRANCO
Sem título (da série *Liga Mole*), 2022
Alumínio
Aluminum
Cortesia do artista e/ *Courtesy of the artist and* Galeria Bruno Múrias, Lisboa

13 MARCO FRANCO
Sem título (da série *Liga Mole*), 2022
Alumínio
Aluminum
Cortesia do artista e/ *Courtesy of the artist and* Galeria Bruno Múrias, Lisboa

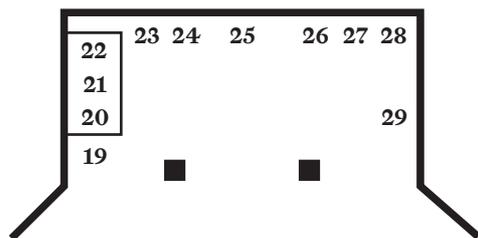
14 ARMANDA DUARTE
esquerdo direito, 2012
78 ovas cortadas a partir do tecido de um par de calças usado e papel
78 oval cuts from the fabric of a used pair of pants and paper
Cortesia da artista e/ *Courtesy of the artist and* Galeria Vera Cortês, Lisboa

15 JORGE PINHEIRO
Mensagem Inequivoca I, 1977
Acrílico sobre tela
Acrylic on canvas
Coleção/ *Collection* Caixa Geral de Depósitos

16 JORGE PINHEIRO
Mensagem Inequivoca VI, 1977
Acrílico sobre tela
Acrylic on canvas
Coleção de Arte Contemporânea do Estado, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito em 1990
Portuguese State Contemporary Art Collection, long-term loan to Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto, Portugal. Deposit 1990

17 HORÁCIO FRUTUOSO
Reader (eternal scenario) with Anni Albers, 2020
Óleo sobre tela
Oil on canvas
Coleção particular, Lisboa
Private collection, Lisbon

18 ANDRÉ SOUSA
Kaserpassage / Simba no deserto, 2016-2017
Acrílico sobre algodão
Acrylic on cotton
Coleção Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição em 2018
Collection Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Acquisition in 2018

**19 BRUNO BORGES**

Work, 2013
 Serigrafia sobre papel
Silkscreen print on paper
 Cortesia do artista
Courtesy of the artist

20 BRUNO BORGES

The Abolition of Work - Part 1, 2012
 Livro impresso em serigrafia
Silkscreen printed book
 Coleção/ *Collection* Rui Silva

21 BRUNO BORGES

The Abolition of Work - Part 2, 2014
 Livro impresso em serigrafia
Silkscreen printed book
 Cortesia do artista
Courtesy of the artist

22 BRUNO BORGES

The Abolition of Work - Part 3, 2016
 Livro impresso em serigrafia
Silkscreen printed book
 Cortesia do artista
Courtesy of the artist

23 SARA & ANDRÉ

L de Liberdade, 2018-2021
 Serigrafia sobre papel Munken Pure 240 gr
Silkscreen print on Munken Pure 240gr paper
 Ed. de 100 exemplares não numerados
 + 10 PAs + 5 HCs
Edition of 100 copies not numbered + 10 AP + 5 HC
 Coleção particular, Lisboa
Private collection, Lisbon

24 CARLOS GENTIL-HOMEM E ERNESTO DE SOUSA

A de Alegria, 1971
 (Concebido para "Almada, um Nome de Guerra" / *Created for Almada, um Nome de Guerra*)
 Serigrafia sobre papel
Silkscreen print on paper
 Coleção/ *Collection* Ernesto de Sousa / Isabel Alves

25 PEDRO BARATEIRO

Relaxed Economy, 2017
 Estrutura metálica, tinta da China e tinta acrílica sobre tela
Metal structure, indian ink and acrylic paint on canvas
 Coleção Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição em 2018
Collection Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Acquisition in 2018

26 VASCO BARATA

Clarity (slow learner) #1, 2018
 Impressão a jato de tinta sobre papel Epson Fine Art 325gr
Inkjet print on Epson Fine Art 325gr paper
 Edição de/ *Edition of* 3+1 AP
 Cortesia do artista e/ *Courtesy of the artist* and Galeria Fonseca Macedo, Ponta Delgada

27 VASCO BARATA

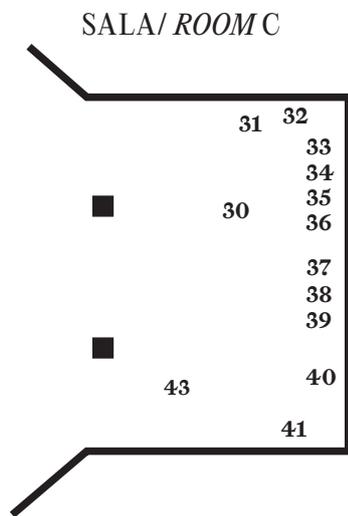
O Novo Niilismo, 2022
 Impressão a jato de tinta sobre papel Epson Fine Art 325gr
Inkjet print on Epson Fine Art 325gr paper
 Edição de/ *Edition of* 3+1 AP
 Cortesia do artista e/ *Courtesy of the artist* and Galeria Fonseca Macedo, Ponta Delgada

28 DIOGO EVANGELISTA

Farewell to Earth, 2022
 Tinta UV sobre vidro acrílico
UV paint on plexiglass
 Cortesia do artista e/ *Courtesy of the artist* and Galeria Francisco Fino, Lisboa

29 HUGO CANOILAS

Sem título, 2003
 Ferro e alumínio pintados
Painted iron and aluminum
 Coleção/ *Collection* Caixa Geral de Depósitos



30 CHRISTIAN ANDERSSON

A Splitting Headache, 2013

Madeira, bronze

Wood, bronze

Cortesia do artista e/ *Courtesy of the artist and* Cristina Guerra Contemporary Art, Lisboa

31 EDUARDO BATARDA

Great Moments in Conceptual Projects 12, 1973

Tinta da China e aguarela sobre papel
Indian ink and watercolour on paper

Coleção Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto.

Aquisição em 2000

Collection Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Acquisition in 2000

32 JOSÉ LOUREIRO

Pé, 1990

Guache sobre papel

Gouache on paper

Coleção do artista

Collection of the artist

33 JOSÉ LOUREIRO

Pé, 1990

Guache sobre papel

Gouache on paper

Coleção do artista

Collection of the artist

34 JOSÉ LOUREIRO

Pé, 1990

Guache sobre papel

Gouache on paper

Coleção do artista

Collection of the artist

35 JOSÉ LOUREIRO

Pé, 1990

Guache sobre papel

Gouache on paper

Coleção do artista

Collection of the artist

36 JOSÉ LOUREIRO

Pé, 1990

Guache sobre papel

Gouache on paper

Coleção do artista

Collection of the artist

37 JOANNA PIOTROWSKA

Greens Feeder, 2019

Impressão manual gelatina e sais de prata

Handmade gelatin silver print

Cortesia da artista e/ *Courtesy of the artist and* Galeria Madragoa, Lisboa

38 JOANNA PIOTROWSKA

Rope, 2019

Impressão manual gelatina e sais de prata

Handmade gelatin silver print

Cortesia da artista e/ *Courtesy of the artist and* Galeria Madragoa, Lisboa

39 JOANNA PIOTROWSKA

Mouse Teeter II, 2019

Impressão manual gelatina e sais de prata

Handmade gelatin silver print

Cortesia da artista e/ *Courtesy of the artist and* Galeria Madragoa, Lisboa

40 DAYANA LUCAS

7 Chaves, 2020

Ferro

Iron

Coleção/ *Collection* Caixa Geral de Depósitos

41 FRANCISCO QUEIRÓS

Anotações de formas não nucleares, 2022

Aguarelas sobre papel Sumi-e

Watercolour on Sumi-e paper

Cortesia do artista e/ *Courtesy of the artist and* Galeria Presença, Porto

42 FRANCISCO QUEIRÓS

Anotações de formas não nucleares, 2022

Aguarelas sobre papel Sumi-e

Watercolour on Sumi-e paper

Cortesia do artista e/ *Courtesy of the artist and* Galeria Presença, Porto

43 JORGE QUEIROZ

Shoe I, 1999

Video mono-canal, PAL, cor, som, 25'10"

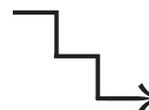
Single-channel video, PAL, colour, sound, 25'10"

Coleção/ *Collection* Caixa Geral de Depósitos

SALA/ ROOM D



NA CAVE/ BASEMENT



53 VON CALHAU!

Avesso, 2011

Filme 16mm transferido para vídeo Full HD, cor, som, 16'

16mm film transferred into Full HD video, colour, sound, 16'

Coleção/ *Collection* Caixa Geral de Depósitos

44 TIAGO BAPTISTA

Sem título, 2021

Óleo e tinta de spray sobre papel

Oil and spray paint on paper

Cortesia do artista e/ *Courtesy of the artist and 3+1 Arte Contemporânea, Lisboa*

45 ANDREIA SANTANA

Vessel #2, 2020

Cobre

Copper

Cortesia da artista e/ *Courtesy of the artist and UNA Galleria, Milano*

46 ANDREIA SANTANA

Gestural Tool (beat pattern 3), 2019

Cobre

Copper

Coleção/ *Collection* ArtWorks – No Entulho Art Residencies

47 PIERRE HUYGHE

Daily Event, Paris, 1994

Impressão offset sobre papel (3 elementos)

Offset print on paper (3 elements)

Coleção Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição em 2006

Collection Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Acquisition in 2006

48 DANIEL GUSTAV CRAMER

Tales 90 (Sestri Levante, Italy, August 2015), 2015

5 C-print, emoldurados

5 framed C-prints

Ed. 2/5

Cortesia do artista e/ *Courtesy of the artist and Galeria Vera Cortês, Lisboa*

49 LUÍSA MOTA

CLONILLO, 2014

Bijuterias, corrente metálica, rhodonite rosa, azurite, aragonites, chrysocolla

Bijoux jewellery, metallic chain, pink rhodonite, azurite, aragonites, chrysocolla

Cortesia da artista e/ *Courtesy of the artist and Galeria Nuno Centeno, Porto*

50 LUÍSA MOTA

MULEXA, 2014

Bijuterias, corrente metálica, pirite e quartz rutilado

Bijoux jewellery, metallic chain, pirite and rutilated quartz

Cortesia da artista e/ *Courtesy of the artist and Galeria Nuno Centeno, Porto*

51 LUÍSA MOTA

MUMU, 2014

Bijuterias, corrente metálica, bolas de boji, variscites

Bijoux jewellery, metallic chain, boji balls, variscites

Cortesia da artista e/ *Courtesy of the artist and Galeria Nuno Centeno, Porto*

52 TIAGO BAPTISTA

Sem título, 2021

Óleo e tinta de spray sobre papel

Oil and spray paint on paper

Cortesia do artista e/ *Courtesy of the artist and 3+1 Arte Contemporânea, Lisboa*

Within the contemporary society that defines our everyday existence, we have become accustomed to seeing—and necessarily living with—the idea of an acceleration in pace sustained by the urgency of productivity. We are urged to go faster, to save time, with the promise of getting more time in return. In reality, the perception of this acceleration is not so much an aprioristic determination as a result of the devaluation of that same time. Instantaneous (and increasingly short) moments follow one another without interruption, devouring themselves and devouring us, without us being able to associate them with relevance or pertinence or the diminishing possibility of forming memory.

To be more specific, and focusing on the professional activity of curators, we believe it to be vital to rethink this accelerated framework in which we have come to carry out our everyday work—particularly in a post-digital age where we are saturated with information—and the extent to which we experience, through an inherence of functions (that continually multiply, unfold and renew), a general and crushing overburden that, instead of bringing us closer to potential knowledge production through rich and significant aesthetic experiences, constantly drives us to the brink of failure. High levels of productivity, demand, attention, saturated and very dispersed information, and an increasingly deficient and distracted consumption, mark our days and are, in the end, nothing more than a replica of the understanding of labour activity instituted by neo-liberal models.

It seems to us that it would be interesting and opportune to rethink these models and approach curatorial practice as an activity more closely linked to the world and to life, seeking more significant ways of working in relation to the objects, to their processes of conception and production, and to the artists, exploring potential relationships that could give back to the aesthetic experience the contemplative dimension that is necessarily intrinsic to it. Seeking to recover the original meaning of the term, returning curatorship to its caring, careful, attentive responsibility, allowing it to happen at its own rhythm, opposing a systematic idea of hasty advance, of a compulsion to produce (merely to guarantee production), and instead paving the way for intervention and research, aiming at other possible ways of being in this space and this time.

The exhibition #Slow #Stop... #Think #Move presents itself as an experiment around the possibility of opposing hegemonic time.

Continuing research (already outlined in earlier curatorial projects) into the possibility of building a decelerated, slowed-down curatorial practice that opposes the tendency towards urgency, using a series of defined process-related strategies—such as curiosity, observation, research, directed attention, but also avowed procrastination, refusal and negation—and seeking to value and respect (at length) the various times that compose the time continuum involved in the preparation of an exhibition, we view this experiment as a speculative exercise in development, which is intended to be durational.

Over the various intervals that compose this time continuum, we allow ourselves to slow down and stop... understanding stopping in a particular dimension that implies not advancing and not withdrawing, retrieving only that which can be between both, so that from this stopping point (between) thought can take place. It was this stopping (between) that allowed us to reflect on the possibility of extending the time of the exhibition experience itself, on the possibility of testing elements that can clearly help produce an extended and attentive experience for the viewer.

The first condition for the establishment of this extended experience is based on the assumption of the physical and temporally divisible condition of this experience. By devising the exhibition in two interdependent and successive parts, taking place in different time intervals (the first between February and May and the second between June and September) as well as in different physical spaces and geographic locations (the first at Fidelidade Arte, in Lisbon, and the second in Culturgest, in Porto), we allowed ourselves to twice summon the viewer's presence by appealing to the possibility of an experience that, as well as being extended in time, necessarily stems from an accumulation of perceptive and cognitive conditions.

First we slow down so that we can stop, then think, and finally act. There is, in these gestures (and the title of the exhibition points to precisely this) a clear sequential connotation. One step following another, one action succeeding the other. But we also know that the possibility of them happening in a process that is simultaneous (or appears to be)

is absolutely real. None of these actions takes place without the production of thought associated with movement (inertia is also one of the many dimensions of movement)... happening within a certain interval of time.

For this first part of the exhibition, we sought to approach the revolutionary ideas of deceleration, slowing or even stopping (requested or forced), allowing the constitution of room-environments and making possible a slow, decelerated relationship, openly recovering an idea of contemplation.

The walls of the four rooms of the Fidelidade Arte space were deliberately painted a dark grey and the lighting kept at an intentionally low level of intensity, requiring the viewer (when they first enter) to take the time needed for their visual acuity to naturally adapt to these conditions. In it were displayed works by Ana Jotta, Ana Santos, António Dacosta, António Júlio Duarte, Armanda Duarte, Fernando Calhau, Francisco Tropa, Isabel Carvalho, Isabel Cordovil, Jonathan Monk, Julião Sarmiento, Luís Paulo Costa, Mariana Caló and Francisco Queimadela, Mattia Denisse, Michael Biberstein, Paulo Brighenti, Sol Lewitt, Tiago Baptista

19 *and Vasco Barata.*

In the second part, now on display at Culturgest in Porto, we sought to continue the line of thought initiated in the first, once again taking as a source a slowed (or partly slowing) temporal dimension. This time, however, we aimed to touch on ideas of thought, movement and action, in a context of promotion of absence, of drifting, of displacement, of uneasiness, of a certain agitation and a return to certain practices involving a kind of attention that is also slow, directed and present.

The symmetry of this Culturgest space – unlike the space in Lisbon which has a traditional enfilade organisation (with a sequence of rooms one after the other) – offered the possibility of constructing an exhibition in dialogue, in various senses and dimensions. Functioning almost as a map of acupuncture points – picking up an idea stemming from the ancestral Asian healing practice through a slow holistic method that views the functioning of the body as a system with its millions of nerves and arteries – the open and spaciouly symmetrical level 0 allowed us to build relationships that were detailed and closer (concentric) at the same time as less obvious relationships revealed in layers (excentric).

In this case, the approach was not entirely systematic, nor transparent or exhaustive. We wanted it to be dynamic, allowing us to adopt successive alterations as and when the dialogues between the various works and their needs were revealed to us, and we decided to impose a slow process of observation and decision, based on aspects such as trust, intuition and the acceptance that we might be mistaken and that we can and should allow ourselves to make mistakes. Rather than producing an absolute narrative, we sought the possibility of building a balanced ecosystem of senses, recovering aspects stemming from the relationship between art and life and promoting the encounter between manifestations of visual thought open to broad experimentation.

A space of learning where we are allowed to slow down, stop, think and move.

As we enter, we are immediately met by one of the works by Alisa Heil: a group of eight banners distributed around the perimeter of arches that define the central rotunda of the space and which fuse a poetic, emotional dimension with an eminently political aspect. The work, produced using a patchwork technique, combines scraps of fabric from various sources (which also contain their own particularities and identity references) to form geometric patterns laden with symbolism. Each of these works pays homage to a female figure from history, recovering along with her the history of her erasure.

20

At the centre of the space we find an installation by Madalena Lopes and Léo Raphaël, specially devised for the exhibition. From the inside of a group of ceramic sculptures with varying degrees of shapelessness – liquid hands – we hear a voice emerge, quoting a poem pondering the fluidity of matter and the permeability between the functioning of Artificial Intelligence and certain states of human consciousness.

Then, starting to move around room A, we find a group of works (Marco Franco, Jorge Pinheiro, Armanda Duarte, Horácio Frutuoso and André Sousa) which, although silent or somehow ambiguous, seem to suggest an idea of system, of marking time or rhythm – in some cases more rigidly, in others with greater detachment – which guides the wandering of the gaze and, necessarily, the movement of the body as well.

We could not ignore the identity of this place: a space of representation of power. A former bank headquarters, it is the representation of financial power – particularly significant in the context of this reflection – housing and making room for the building of the great narrative responsible for the processes of acceleration to which we devote our attention and which, rightly, we seek to halt. The development of a reflection on the symbolic legacy of this place (a thought process that alludes to the title of the exhibition) necessarily had to draw on the presence of a group of works, in room B, that develop strategies that are openly critical or that affirmatively approach those strategies (Bruno Borges, Sara & André, Carlos Gentil-Homem and Ernesto de Sousa, Pedro Barateiro, Vasco Barata, Diogo Evangelista and Hugo Canoilas). We move from this context, affirmative in the revelation of its intentions, into a context (room C) where the manifestation of states of discomfort and disquiet now emerge under the form of the metaphor, interrogation or enigma, without rejecting humour as a critical tool (Eduardo Batarda, José Loureiro, Joanna Piotrowska, Christian Andersson, Dayana Lucas, 21 Francisco Queirós and Jorge Queiroz). In room D, we find a group of works (Tiago Baptista, Andreia Santana, Pierre Huyghe, Daniel Gustav Cramer and Luísa Mota) that seek to re-establish a relationship with life, with the everyday, with rituals, with a slower pace of time and with that place of encounter with beings and other forms of life, embracing experimentation and understanding existence as an open platform of non-extractivist relationship.

After completing our circuit of level 0, we descend to the floor below and, inside the vault – now a dark room – we find a film by the duo Von Calhau!, marked by a spatial and temporal multi-dimensionality (characteristic of cinematographic resources and beloved by the artists themselves). Fictional characters enveloped in a dreamlike intrigue or a kind of rite of passage – or of salvation – where time is much prolonged and the territory pierced, penetrated. Phantasmatic creatures that share a human and animal condition and act in a parallel dimension, compressed, transiting between the past and the future, in a combination of rurality, mythology, biodiversity, culture and spirituality.

Slow, stop, think and move.

In practice, instituting a system of care, a system of attention.

The work of care and attention was always regarded as non-productive, devaluing the 'power of labour' that we know is produced in it, and which, in essence, is responsible for producing all the rest. Why not observe, attentively, the productive capacity of all beings?

In bourgeois society, the body lost its political relevance and became a mere tool used for social or work-related activities. As a result, bodies separated from each other and organised themselves according to their symbolic status. The experience of intimacy became possible only through sex or war – situations of exception to the symbolic order. In the opposite direction, in a system of care and attention, all bodies are intimate and political at the same time. Here the intimate and the political, the physical body and the symbolic body, become identical.

We speak about this work of care and attention that respects rhythm, its own and that of the other beings involved, valuing time and its developments, in an ethics of attention: being slow can mean being better.

Recalling snails or tortoises, mushrooms or mould, we perceive their function and the structure of relationships that develop in their existential contexts. Recovering practices of care, of attentive observation, of moving closer to others, contemplating life and producing joy... because, after all, 'a alegria é a coisa mais séria da vida' [joy is the most seriously thing in life].

Licenciada em Escultura, pela FBAUL e pós-graduada em Estudos Curatoriais, pela FBAUL/ Gulbenkian. Bolseira na HdK (Universidade de Berlin). Actualmente, é doutoranda em Arte Contemporânea no Colégio das Artes – Universidade de Coimbra.

Foi técnica especializada em arte contemporânea no IAC-MC (2001-2003), assistente e coordenadora do estúdio de Julião Sarmento (2003-2015), curadora e coordenadora curatorial no MAAT/ Fundação EDP (2015- 2018) e curadora e programadora de artes visuais no CAV, em Coimbra (2020-2023) onde concebeu e apresentou o ciclo de exposições “Museu das Obsessões”.

Desenvolve a sua actividade como curadora independente (desde 2003), tendo concebido projectos curatoriais e editoriais para diversos museus e instituições nacionais e internacionais: Museu de Serralves, Fundação Calouste Gulbenkian, Culturgest, Museu Colecção Berardo, MACE, CAV, CAPC, Colégio das Artes, Atelier-Museu Júlio Pomar, Fundação Carmona e Costa, Galerias Municipais de Lisboa, Quartel da Arte Contemporânea de Abrantes, MIAA, Centro de Artes de Águeda, Galeria Municipal de Torres Vedras, ZDB, Fundação PLMJ, Palacete de São Bento/ Residência Oficial do Primeiro Ministro de Portugal, Instituto Camões, Appleton Square, Travessa da Ermida, LUX Frágil, Krinzinger Projekte (Wien), ArteInstitute (NY), Galeria 3+1, Galeria Nuno Centeno, Galeria Cristina Guerra Contemporary Art, Galeria Caroline Pagés, Galeria Lehmann+Silva ou Giefarte.

Foi membro da Comissão para Aquisição de Arte Contemporânea da Colecção do Estado – MC (biénio 2021-2022), e é actualmente membro da Comissão para Aquisição de Arte Contemporânea da Colecção da CML (triénio 2023-2025).

Realizou investigação, análise e consultoria para colecções privadas.

Publicou ensaios, textos e artigos em catálogos e monografias; colaborou com as revistas *XXI – Ter Opinião*, *Pangloss*, *L+Arte*, *Umbigo* e *Contemporânea*; realizou comunicações públicas em conferências, seminários e eventos académicos; realizou visitas guiadas temáticas em colaboração com várias instituições museológicas; foi membro de júris de premiação e selecção para Prémios, Bolsas de Investigação e Residências Artísticas; e realizou diversas conversas públicas com artistas no âmbito de vários projectos expositivos.

É curadora residente e responsável pelo programa de tutorias no projecto de residências artísticas RAMA.

Lecciona, desde 2019, a cadeira “Práticas de Curadoria” na Pós-graduação em Curadoria, na FCSH – NOVA, em Lisboa.

A autora escreve segundo o antigo acordo ortográfico.

Ana Anacleto has a degree in Sculpture, from FBAUL, and a post-graduate degree in Curatorial Studies, from FBAUL/ Gulbenkian. She studied at HdK (University of Berlin) thanks to a scholarship. She is currently working on a PhD in Contemporary Art at the Colégio das Artes, University of Coimbra.

She worked as a contemporary art expert at IAC-MC (2001-2003), assistant and coordinator at Julião Sarmento's studio (2003-2015), curator and curatorial coordinator at MAAT/ EDP Foundation (2015-2018) and curator and visual arts programmer at CAV, in Coimbra (2020-2023), where she conceived and presented the cycle of exhibitions entitled Museu das Obsessões (Museum of Obsessions).

She currently works as an independent curator (since 2003), and has developed curatorial and editorial projects for various museums and institutions in Portugal and abroad: Museu de Serralves, Calouste Gulbenkian Foundation, Culturgest, Museu Colecção Berardo, MACE, CAV, CAPC, Colégio das Artes, Atelier-Museu Júlio Pomar, Fundação Carmona e Costa, Galerias Municipais de Lisboa, Quartel da Arte Contemporânea de Abrantes, MIAA, Centro de Artes de Águeda, Galeria Municipal de Torres Vedras, ZDB, Fundação PLMJ, Palacete de São Bento/ Official Residence of the Prime Minister of Portugal, Camões Institute, Appleton Square, Travessa da Ermida, LUX Frágil, Krinzinger Projekte (Vienna), ArteInstitute (NY), Galeria 3+1, Galeria Nuno Centeno, Galeria Cristina Guerra Contemporary Art, Galeria Caroline Pagés, Galeria Lehmann+Silva and Giefarte.

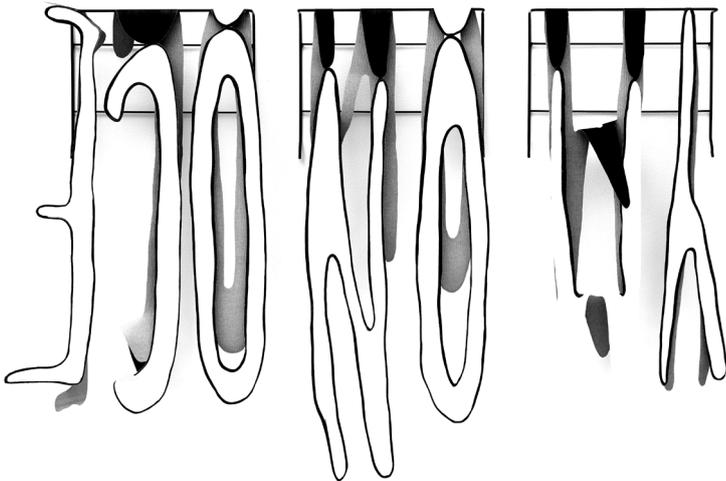
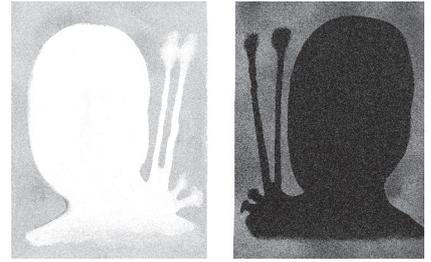
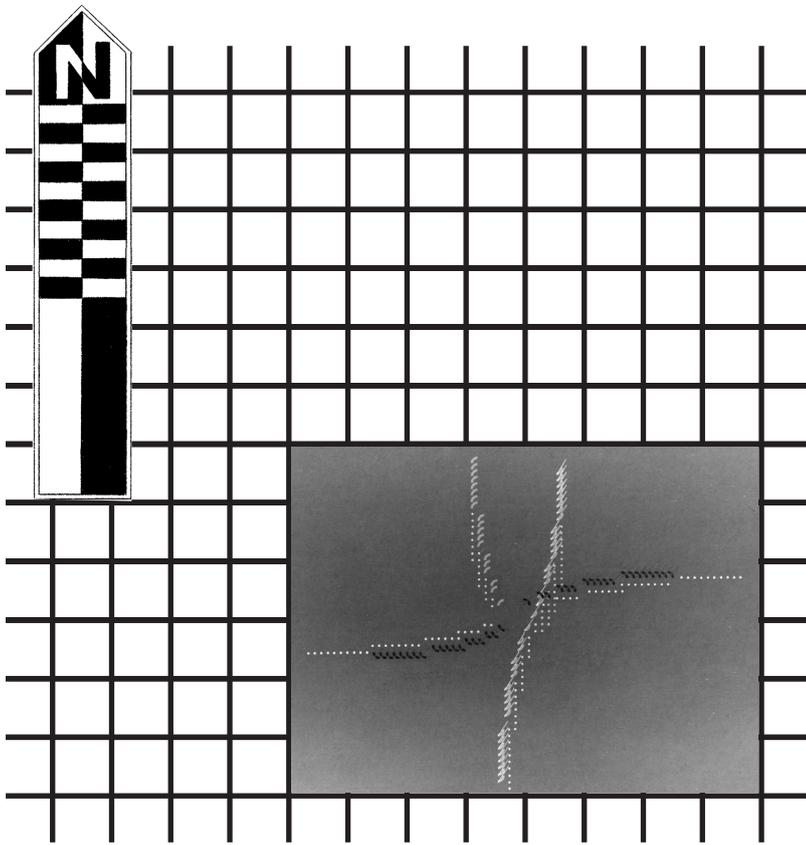
She was a member of the Commission for the Acquisition of Contemporary Art for the State Collection – Ministry of Culture (biennium 2021-2022), and is currently a member of the Committee for the Acquisition of Contemporary Art to the Lisbon City Council Collection (triennium 2023-2025).

She has carried out research, analysis and consultation for private collections.

She has published essays, texts and articles in catalogues and monographs; collaborated with the magazines XXI – Ter Opinião, Pangloss, L+Arte, Umbigo and Contemporânea; given speeches at conferences, seminars and academic events; held thematic guided visits in collaboration with various museological institutions; been on selection panels for awards, research grants and artistic residencies; and held several public conversations with artists in the context of various exhibitions projects.

She is resident curator and in charge of the tutoring programme for the RAMA artistic residency project.

Since 2019, she has taught the subject of 'Curatorial Practices' at post-graduate level, at FCSH – NOVA, in Lisbon.



03JUN'23 ↗ 10SET'23

Culturgest (Porto)